

Os poemas homéricos e a tradição épica oral da qual fazem parte: uma proposta alternativa para datação e utilização da *Ilíada* e da *Odisseia* como fontes históricas

GUSTAVO JUNQUEIRA DUARTE OLIVEIRA<sup>1</sup>

- Problemas de datação

Os poemas homéricos são manifestações culturais de alcance e relevância excepcionais ainda nos dias de hoje. Sua importância e influência, seja no campo estético, seja no campo histórico, podem ainda ser sentidas em nosso mundo. Há mais de dois milênios muito esforço intelectual tem sido dedicado a estes e outros campos de estudo relacionados à *Ilíada* e à *Odisseia*.

O presente estudo tem como objetivo concentrar prioritariamente no campo da relevância dos poemas homéricos na área da História. Já na antiguidade, os poemas eram utilizados para compreender tempos passados. A veracidade histórica, tanto da *Ilíada* quanto da *Odisseia* e dos eventos relacionados à elas, não eram, então, colocadas em questão. Os mais variados autores consideravam tais poemas como um retrato mais ou menos fiel do passado heroico da Grécia.

Com o passar dos milênios, esse interesse não acabou. Tomou, contudo, formas que se manifestam de maneiras diferentes. Para os historiadores modernos, os poemas podem ser lidos como fontes para entender o passado, relacionando-os a momentos específicos. Para isso, partem de pressupostos diferentes, para analisar qualquer que seja o contexto desejado, usando os poemas como fontes de tais contextos.

Tais abordagens históricas são fundadas, normalmente, em uma série de pressupostos que não são fáceis de comprovar. Elas partem da ideia de que a sociedade coerente mostrada nos poemas pode ser relacionada a um contexto histórico preciso e uniforme que os produziu. A variedade de períodos estudados que têm como base a leitura dos poemas ilustra de maneira interessante o problema: são datados em vários séculos, desde o contexto micênico até o período de desenvolvimento da *polis*.

Tal situação demonstra de maneira eficiente que a questão não está de maneira nenhuma resolvida. Com a escassez de dados que sedimentem tal comprovação, talvez nunca

---

<sup>1</sup> O autor é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A pesquisa recebe financiamento da FAPESP.

seja resolvida. Todavia, tais dificuldades não afastaram os estudiosos de se aventurarem na discussão do problema. Em 1850, William Mure afirmou sobre a questão da origem dos poemas e do poeta, a chamada Questão Homérica<sup>2</sup>, que nos mais de 2500 anos de pesquisas e discussões acerca dos poemas Homéricos, sobre nenhum outro assunto foram propostas tantas teorias estranhas e conflitantes, tantos comentários e tantas controvérsias. Em nenhum outro assunto a pesquisa especulativa foi tão explorada. Apesar de tudo isso, poucos resultados positivos foram alcançados (MURE, 1850, v. 1, p. 180-181). Desde o tempo de Mure as pesquisas se multiplicaram enormemente em quantidade (THOMAS, 1970, p. 1), diante de alguns avanços importantes<sup>3</sup>.

A verdade, contudo, é que ainda não sabemos nada sobre as origens dos poemas: não temos dados concretos sobre a sua data, autoria, local, e maneira de composição. Este é um campo absolutamente aberto para especulações mais ou menos embasadas por informações retiradas dos próprios poemas ou de fontes de proveniências diversas.

Tais dificuldades, contudo, nem sempre aparecem de maneira evidente nos estudos históricos dos poemas homéricos. E mesmo quando aparecem, os resultados apresentados são baseados em pressupostos que não foram, e dificilmente serão, comprovados ou negados, o que torna a pesquisa na área uma tarefa árdua.

A verdade é que a maior parte das pesquisas utiliza argumentos circulares. Baseiam-se fundamentalmente nos poemas para estabelecer qual foi o contexto de sua produção, retirando da análise da sociedade presente nos poemas um reflexo da sociedade referente a tal contexto.

O estudo que segue é uma proposta alternativa de utilização dos poemas homéricos como fonte histórica, baseando-se fundamentalmente na chamada teoria oral e na ideia de uma tradição de longa duração.

\* A ênfase na tradição

---

<sup>2</sup> Thomas afirma que o nome é inapropriado. O problema, na verdade, se desdobra em pelo menos quatro questões: Primeiramente, especula-se se existiu um poeta chamado Homero. Em segundo lugar existe a dúvida se a *Ilíada* e a *Odisseia* são frutos do trabalho de um mesmo autor. A natureza da língua épica marca o terceiro questionamento. A quarta questão diz respeito à base histórica dos dois poemas. (THOMAS, 1970, p. 1).

<sup>3</sup> Algumas descobertas revolucionaram enormemente nossa compreensão de aspectos relacionados aos estudos homéricos: a descoberta de Tróia e de construções do mundo micênico por Schliemann; as teorias de oralidade e formulariedade propostas por Parry (1930; 1932; 1971); a difusão do trabalho comparativo com tradições orais vivas; o deciframento do linear B por Ventris e Chadwick (CHADWICK, 1995).

Uma abordagem que privilegie a tradição da qual os poemas fazem parte pode ser mais frutífera do que uma busca por um período bem delimitado do qual os poemas teriam mais a dizer. Os poemas, sendo parte de uma tradição de transmissão oral, podem ser utilizados para analisá-la. Tal afirmação, todavia, não aceita que a tradição em questão seja imune a mudanças. Tampouco sabemos o grau exato de estabilidade almejado por seus integrantes. Devemos aceitar, contudo, que alguma estabilidade existe, por comparação com a estabilidade linguística e com a técnica de composição.

Diante deste cenário, a abordagem aqui proposta não privilegiaria a associação dos poemas com seu contexto de produção ou fixação, que sequer sabemos qual foi. Ela privilegia a tradição oral de longa duração em que, possivelmente, alguns elementos estáveis foram absorvidos pelos poemas. Em outras palavras, os elementos absorvidos dizem mais respeito a um processo de longa duração, do qual os poemas são oriundos, do que a um momento específico.

A coerência dos poemas é marcada pelas características dessa tradição, cujo material épico era regado em seu conteúdo e em sua linguagem. Ela dava, todavia, liberdade para a individualidade de poetas que sabiam usar tais “limitações” estilísticas. A sociedade apresentada nos poemas seria uma sociedade epicamente coerente, aceita como tradicional em um momento, ou em vários deles, no interior da tradição.

\* composição por colaboração: poemas como produtos coletivos

Pela maneira como compreendemos o funcionamento de uma tradição oral de transmissão poética, e pela abordagem que propomos a esta tradição, chegamos a um conjunto específico de considerações. É preciso aceitar os poemas, a despeito da maneira em que tenha ocorrido sua composição e fixação finais, como produtos de (re)composições por vários bardos. Aceitamos-os como uma colaboração, que inclui a relação com as audiências. Se tomarmos como ponto de partida a tradição da qual fazem parte, podemos pensar os poemas como produtos coletivos, apresentando elementos oriundos de épocas diferentes.

Isso não quer dizer que não seja possível que, em algum momento, uma mente individual tenha dado a forma, a estrutura e a beleza dos poemas que nos alcançaram. É

provável que este tenha sido um evento importante na história da transmissão dos poemas<sup>4</sup>. Mas abordá-los sob o viés do poeta individual, seja ele quem quer que tenha sido, diz mais respeito a uma análise que tem preocupações estilísticas, estéticas ou mesmo éticas em mente. No que diz respeito a uma preocupação histórica, seria necessário um conhecimento mais preciso do contexto de produção para que fosse útil uma abordagem que considerasse um gênio poético por detrás da composição dos poemas em um momento específico.

Sem essas informações, nos parece mais interessante pensar os poemas dentro da tradição de transmissão épica, uma vez que podemos delimitar, ainda que de maneira extremamente ampla e frágil, seu alcance e difusão. E neste contexto, salientamos o aspecto coletivo dessa tradição de transmissão, evidente tanto no que diz respeito a seu alcance temporal e espacial, transmitida de geração por geração, quanto no que diz respeito à relação cooperativa entre bardos e audiência nos processos de composição.

Reconhecemos as diferentes maneiras de encarar os poemas: como texto e como parte de uma tradição. O presente estudo aceita que uma metodologia não implica rejeição da outra. A preocupação com a fixação textual e a datação mais precisa, contudo, pertence mais à primeira ordem. Nossa abordagem privilegia mais a segunda, pelos motivos levantados.

Outra possibilidade seria explorar abertamente uma abordagem que se centra na preocupação estilística, que não levaria em questão o problema da composição dos poemas e de sua origem. Esta, contudo, diz menos a respeito do estudo dos poemas homéricos como fontes históricas, por se abster de tentar apresentar limites temporais e espaciais a eles. Devemos ter em mente que estamos lidando com fenômenos culturais de relevância histórica, ainda que de outra ordem. Isso não quer dizer que os estudos que adotam tal posição não sejam úteis para nossa análise. Todavia, nosso interesse relaciona os elementos internos dos textos com considerações acerca da tradição que os produziu, uma vez que o momento preciso de sua composição é, atualmente, impossível de ser devidamente apontado<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Segundo Lord, é um dos maiores eventos da história cultural do Ocidente (LORD, 1960, p. 152).

<sup>5</sup> Tradições orais, tais como a dos poemas homéricos, podem ser abordadas por um infinidade de perspectivas. Segundo Sigurdsson, o valor como fonte de um mesmo texto pode ser abordado segundo interesse da área do pesquisador. Historiadores tendem a se preocupar em ver os textos buscando as realidades do mundo real que os produziram. Especialistas em literatura tendem a buscar características artísticas e narrativas. Antropólogos buscam um espelho para a vida humana, costumes e práticas. Filólogos se concentram na forma das palavras, ortografia e manuscritos (SIGURDSSON, 2008, p. 21).

Por ora, é necessário reconhecer que as marcas que indicam autoria não são datáveis com segurança. Não seria, portanto, mais proveitoso considerar tudo o que os poemas apresentam como tradicional? Tradicional no sentido de que qualquer inovação, de qualquer período, deve ser considerada coerente dentro do universo épico apresentado. Por mais inovadora que seja qualquer característica, ela deve ter uma aparência tradicional e épica para ser aceita. Para Saïd, a poesia é tradicional no sentido de que a complexidade apresentada vai muito além do que seria atingido por qualquer compositor individual. Ela só pode ser o produto de um esforço coletivo, um produto de uma tradição que o poeta é obrigado a seguir (SAÏD, 2011, p. 39).

Consideramos, portanto, a construção textual dos poemas homéricos como cooperativa. Funciona por meio de um mecanismo que capta discursos de origens (social, temporal ou geográfica) variadas. Contudo, é organizada segundo diretrizes relativamente estáveis. Tais textos constituem um caso interessante de um experimento em que vários atores participam do estabelecimento de concepções e valores que podem ser coletivos. Funcionam, os poemas, como suporte para um sem-número de porta-vozes. Por essas características especiais, a sua utilização como fonte histórica, por uma concepção diferenciada, torna-se necessária. A riqueza dessas fontes se encontra justamente na pluralidade de contextos possíveis de produção e transmissão diante de uma tradição reguladora, que mantinha alguns elementos estáveis diante de possíveis mudanças referentes a contextos específicos.

\* mecanismos identitários e de integração cultural no espaço e no tempo

Dentro da abordagem proposta, os poemas funcionariam como mecanismos identitários e de integração cultural entre comunidades separadas pelo espaço em um mesmo recorte temporal, e separadas pelo tempo. Os poemas não seriam, nesse sentido, documentos referentes a uma sociedade, mas a um mecanismo de manutenção de identidade cultural. Quase todas outras teorias já propostas têm como pressuposto sociedades bem delimitadas temporal e espacialmente, que produziram os poemas e tiveram suas instituições absorvidas por eles. Por isso a vantagem de trabalhar com a ideia de Identidades e de uma tradição de transmissão oral mais ampla. Ela permite a análise de um mecanismo com alcances temporais e espaciais difusos, que prescindam desse pressuposto, diante da impossibilidade de

comprová-lo. A abordagem aqui apresentada não enfoca nem instituições, nem estruturas, nem identidades disputadas no interior de uma sociedade. Ela enfoca um mecanismo identitário compartilhado, que integra grupos potencialmente diferentes, em limites espaciais e temporais difíceis de demarcar.

Os poemas funcionariam como nodo de conexões em um processo de integração. Os atores interessados na manutenção da tradição de transmissão poética compartilham entre si a ideia de um passado heroico. Reconhecer-se-iam, pelo compartilhamento desse mecanismo especial, como parte de um mesmo todo cultural. Tal processo se manteria válido mesmo diante de variações proporcionadas pelo tempo e por necessidades regionais. Os poemas homéricos sobreviveriam como manifestações culturalmente relevantes.

Além da integração entre comunidades separadas pelo tempo e pelo espaço, os poemas homéricos poderiam ser instrumentos de integração entre estratos sociais diferentes, em um mesmo contexto temporal e espacial.

Esta abordagem se baseia no pressuposto de que os poemas funcionariam como veículos de ideais épicos que refletiam não as sociedades históricas reais das quais eram oriundos<sup>6</sup>, mas ideais organizados de maneira poética, épica, compartilhados pelo espaço e pelo tempo. Eles seriam mantidos ou modificados segundo critérios daquilo que era aceito como tradicional.

Por fim, devemos apontar que um épico homérico unificado, orgânico e coerente, tal como o aceitamos, não implica necessariamente uma sociedade unificada e bem delimitada que o teria produzido, que não temos como identificar precisamente. Implica, defendemos, um mesmo mecanismo identitário, um ideal épico compartilhado no tempo e no espaço por comunidades potencialmente diferentes. Em outras palavras, as instituições descritas nos poemas podem ser representativas de ideais épicos historicamente construídos e transportados pela poesia, ao invés de um reflexo necessariamente relacionado a instituições históricas reais relativas a um contexto específico.

\* O poema como uma unidade

---

<sup>6</sup> O que é possível, mas não é comprovável.

A abordagem que propomos considera os poemas como uma unidade. Esta unidade vai além de questões da estrutura das obras, sua organicidade, planejamento, coerência da sociedade e suas instituições. Ela também vale para a maneira como as temporalidades devem ser lidas nos poemas. Reconhecemos que os poemas podem refletir estruturas sociais de sociedades diferentes<sup>7</sup>, bem como estruturas sociais plausíveis e complexas, que são, todavia, fictícias ou fantásticas. Apesar disso, temos nos poemas uma unidade que deve ser levada em consideração. Os poemas são uma unidade, a despeito da maneira como tenham sido compostos (AHL; ROISMAN, 1996, p. 10).

A análise dos poemas sob a perspectiva de que é possível e útil separar temporalidades diferentes e reconhecíveis é prejudicial não só do ponto de vista de sua qualidade estética, mas também do ponto de vista de uma análise histórica. Os poemas devem ser encarados em sua unidade, analisados com ela em mente. Apesar de elementos de mais de um contexto temporal terem sido absorvidos nos textos que nos alcançaram, eles foram trabalhados de maneira a formarem um todo coerente, tanto do ponto de vista estético, quanto do ponto de vista da sociedade épica apresentada. Tais constatações estão de acordo com a leitura proposta, de que tanto inovações quanto permanências só são transmitidas na poesia após passarem pela avaliação dos membros no interior da tradição oral viva. Sejam as obras resultado de um processo cooperativo de longa duração, sejam elas a culminação final produzida por um gênio individual inserido na tradição discutida, uma noção compartilhada daquilo que é tradicional e epicamente válido norteia o que é apresentado poeticamente.

Com tal proposta em mente, questionamos que o argumento de reconhecer vários elementos de um determinado período e estabelecer a historicidade dos poemas como referentes e este período seja um procedimento válido. Os poemas são mais úteis para o estudo da história se encarados como um todo coerente, referentes a uma forma compartilhada de entender e transmitir histórias sobre um passado heroico, vistas pelos integrantes da tradição oral. Abordar os épicos homéricos como um preenchedor de lacunas para períodos

---

<sup>7</sup> Concordamos com Whitley (1991) e Saïd, que defendem que a significância de diferenças regionais reveladas pela arqueologia mostra a natureza Pan-helênica dos épicos, que funcionaria como uma síntese poética que toma emprestadas características de várias sociedades. Qualquer que seja o caso, temos que o mundo de Odisseu não reflete diretamente nenhuma sociedade de fato, sendo na verdade um construto artificial, que oferece uma imagem idealizada de um passado glorioso, mais atrativo e nobre que a realidade do presente do poema (SAÏD, 2011, p. 88). Ressaltamos, todavia, que as diferenças podem ser em função de sociedades separadas pelo tempo, bem como pelo espaço.

virtualmente inalcançáveis de outras maneiras é um procedimento metodológico falho e ingênuo.

\* O problema da Unidade dos poemas diante do período de sua fixação

Não sabemos o grau de estabilidade da tradição homérica, no que diz respeito à manutenção de elementos do passado. Aceitamos também que o que é considerado tradicional e epicamente válido pode mudar em períodos e contextos diferentes. A tradição com que estamos lidando pode ser mais fluida ou mais estável, não temos maneiras de medir. Diante de tais indefinições, consideramos que, apesar de servir como veículo de integração entre épocas e regiões diferentes, cada contexto teria a possibilidade de se apropriar dos épicos à sua maneira.

Eles seriam recebidos e transmitidos de acordo com interesses e regras que estariam sujeitos a variações que dependem justamente do elemento desconhecido: o grau de fluidez ou de estabilidade da tradição. Se postularmos que a tradição apresenta alguma quantidade de ambos os elementos (fluidez e estabilidade), talvez seja válido privilegiar a análise histórica para os momentos mais próximos da fixação da tradição. Mesmo que a tradição tenha elementos estáveis, eles seriam interpretados de maneiras diferentes em cada oportunidade. Contudo, diante da incerteza do momento da fixação e da maneira como ela ocorreu, vale ressaltar a validade dos poemas como testemunhos da tradição como um todo. Mesmo que eles sejam relativos a uma visão específica dessa tradição, o que não temos como confirmar.

Todavia, é necessário apontar algumas concessões. A maneira de ver o mundo expressa pelos poemas talvez alcance o mundo micênico, mas ela certamente perpassa outros contextos, chegando até o século VIII ao VI, em que a tradição em questão já pode ser historicamente atestada. Em uma tradição com algum grau de fluidez, os valores e ideais transportados em um poema diriam respeito mais aos períodos mais próximos à sua fixação, seja ela um evento, seja um processo, do que do período originativo, seja ele o mundo micênico, seja a Idade das Trevas. Se aceitarmos que a tradição tenha algum grau de estabilidade, pode ser que esses valores alcancem os períodos originativos, quaisquer que sejam. Todavia, além de possíveis mudanças, caso a tradição tenha algum grau de fluidez, esses valores estáveis mantidos do passado seriam relevantes como ideais épicos para os

contextos mais recentes da tradição, que os mantinha e reinterpretava. Isto porque ao passo que seu alcance pode chegar até os momentos mais antigos, não sabemos ao certo, ele ainda é presente nos momentos mais recentes.

Apesar de os poemas serem relativos à tradição como um todo, não temos como delimitar seu marco mais antigo. Acerca do mais recente também temos dificuldades, mas podemos atestar, a partir de determinado momento, a existência da tradição com mais segurança, a partir do século VIII. Não sabemos exatamente onde ela termina, mas sabemos por onde ela passa.

\* o alcance temporal da validade dos poemas como fonte histórica

Devemos tecer alguns comentários acerca do alcance da validade dos poemas como fonte histórica. Inicialmente poderíamos considerá-lo como paralelo ao alcance da tradição de transmissão que estamos trabalhando. Todavia, como discutido, os limites apontados são bem distantes entre si, além de não termos certeza acerca de sua precisão.

É preciso analisar a idéia de que o uso difundido da transmissão escrita é o limite mais recente para o estudo. Alguns autores defendem a convivência de culturas e tradições letradas e iletradas<sup>8</sup>, bem como a oralidade dos poemas homéricos ser atestada em contextos relativamente recentes<sup>9</sup>. Manteremos um alinhamento, neste caso, com o que foi apresentado como limite mais recente. Ou seja, manteremos como critério a mudança de valorização do papel da tradição de transmissão épica oral pela elite. Apesar de quando tenha ocorrido a fixação dos poemas, mesmo que anterior a este momento, a tradição que nos interessa ainda estava viva neste contexto. Os poemas homéricos seriam um testemunho válido desta tradição, mesmo que antecedessem ao processo de mudança salientado. Essa validade se manteria por serem os poemas relacionados à tradição naquele contexto<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Honko afirma que uma série de novas ideias vem deixando as fronteiras entre oralidade e letramento mais confusas. Pensar em termos de predominância entre uma área e a outra não é, necessariamente, a abordagem mais interessante. Os estudos recentes mostram modelos complexos, com passagem de textos escritos entre cantores, usos de cópias, ou partes de textos em *performances*, uso de material que parece com textos escritos em *performances*, convivência de bardos iletrados e letrados em uma mesma tradição, com um mesmo bardo que às vezes usa escrita ou compõe oralmente; etc. (HONKO, 1998, p. 13-14)

<sup>9</sup> Ver Nagy (1996).

<sup>10</sup> Para Nagy, a poesia homérica sobreviveu por se adaptar, negociando a cada vez que era apropriada por poderes em competição em momentos diferentes (NAGY, 2011, p. 265).

Sobre o limite mais antigo, é válido apontar que a temática dos poemas homéricos claramente evidencia que existe uma separação temporal entre o tempo do poema e o do poeta e suas audiências. Talvez isto seja um indicativo de que o período originativo não seja necessariamente o passado micênico. A tradição, contudo, diz respeito, de alguma forma, a um mundo que antecede o momento apontado como seu fim. A se aceitar a geopolítica, topografia, o catálogo das naus e algumas referências materiais e linguísticas, ela é derivada de um contexto em que pelo menos as informações acerca desses elementos ainda estavam na memória, ou, no caso dos objetos, eram guardados como relíquias<sup>11</sup>. Podem ser somente interpretações das ruínas e vestígios deste passado no contexto da Idade das Trevas, como defende Raaflaub (1998 p. 393-401).

Se quisermos apontar um período para o qual temos maior segurança, teríamos que nos contentar com os momentos em que a tradição de transmissão oral pode ser atestada. Poderíamos até estendê-lo em alguns séculos em direção ao passado. Seria o tempo de desenvolvimento da tradição. Neste caso, como não podemos explicar de maneira convincente as reminiscências micênicas, não temos como afirmar se o alcance discutido atinge o contexto micênico e os primeiros séculos após o colapso, segundo a abordagem que propomos.

Só podemos, portanto, relacionar o alcance da validade dos poemas homéricos como fontes históricas para uma maneira de interpretar o passado e transportar valores e ideais épicos que funcionam como mecanismos de integração cultural e identitária, com um período limitado entre os séculos imediatamente anteriores ao momento em que a tradição em questão pode ser atestada, até a desvalorização dessa tradição pelas elites. No ponto inicial, teríamos as possíveis marcas temporais nos poemas de Hesíodo, que pertencem a mesma tradição, e o aparecimento da tradição na arte figurativa, entre os séculos VIII e VII, ou, alternativamente, o fim da Idade das Trevas, se quisermos postular um período prévio de desenvolvimento da tradição. No marco final, o contexto em que a cultura letrada marginaliza a tradição oral e

---

<sup>11</sup> Shear é um exemplo interessante de defesa da manutenção fiel de elementos do período originativo no da fixação dos poemas. Isso porque a autora aceita que tais momentos se encontram nos pontos mais extremos: o período originativo é, para ela, o mundo micênico por volta do século XII; o período da fixação é o último quartel do século VI, com a ordenação Panatenáica dos poemas homéricos. A autora ainda defende uma forte estabilidade da tradição, em que elementos do período originativo são mantidos com grande fidelidade no momento da fixação dos poemas (SHEAR, 2000).

valoriza os textos escritos dos poemas como fenômenos culturais de relevância, em oposição a manifestações orais de criação poética, na passagem do século VI para o V.

Voltemos ao problema da abordagem dos poemas como fontes históricas. Quando os estudiosos apresentam elementos de temporalidades que podem ser selecionados e estudados como representativos de um período, de uma sociedade, de um contexto histórico, podem tomar como pressupostos ou propor soluções para resolver os seguintes elementos: tradição poética; datação da composição e fixação dos poemas; estabilidade da tradição; fluidez da tradição; capacidade dos poemas de refletir em sua unidade orgânica estruturas e instituições sociais referentes a contextos históricos.

Nossa própria abordagem tenta eliminar alguns desses pressupostos, ao propor uma maneira de compreender a validade dos poemas como fontes históricas de forma a prescindir de alguns deles. Tentaremos, todavia, manter uma perspectiva inclusiva, que abarque ou avalie as possibilidades.

Primeiramente, mantemos o reconhecimento da existência da tradição poética de transmissão de épicos relacionados a uma forma de ver o passado heróico. Agrupamos a estabilidade e a fluidez dessa tradição em um mesmo pressuposto, não ressaltando um elemento em detrimento de outro. Reconhecemos que existe alguma quantidade de ambos, ainda que em grau não determinado.

Pela maneira como abordaremos os poemas, podemos prescindir dos dois pressupostos restantes. Não precisamos nos posicionar quanto ao período de datação ou fixação dos poemas por levarmos em conta a tradição como um todo, com ênfase especial aos momentos em que ela pode ser de fato atestada.

Tampouco nos preocuparemos com a questão de se os poemas refletem de fato instituições e estruturas sociais de determinados momentos, e se um deles tem mais força sobre os demais. Substituiremos este pressuposto por outro: a coerência da sociedade homérica se deve à construção poética coletiva, que policiava os elementos considerados

adequados em relação ao passado heróico, do ponto de vista épico e poético em cada momento de seu desenvolvimento<sup>12</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHL, F.; ROISMAN, H. M. *The Odyssey reformed*, Ithaca: Cornell University Press, 1996.

CHADWICK, J. *The decipherment of linear B*. Cambridge: CUP, 1995.

HONKO, I. Introduction: Oral and Semiliterary Epics. In: HONKO, I.; HANDOO, J.; FOLEY, J. M. (eds.). *The Epic – Oral and Written*, Mysore, 1998.

LORD, Albert Bates. *The singer of tales*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1960.

MURE, W. *A critical History of the Language and Literature of Ancient Greece*. Vol 1-3. London: Longman, Brown, Green, and Longmans. 1850.

NAGY, G. *Homeric Questions*. Austin: University of Texas Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *Homer the preclassic*. Berkeley: University of California Press, 2011.

RAAFLAUB, K. A. Homer, the Trojan War, and History. In: BOEDECKER, D. *The world of Troy*. *Classical World Special Issue*, 1998

SAÏD, S. *Homer and the Odyssey*. Oxford: OUP, 2011

---

<sup>12</sup> Concordamos com parte da proposição de Nagy, cuja proposta não é prender Homero a um tempo e lugar específicos, como testemunha. Propõe, sim, traçar uma evolução de um sistema poético empiricamente observável, que remonta à idade do Bronze. O problema com as tentativas de datação, sejam elas mais antigas, sejam elas mais recentes, é que todas têm como princípio prender Homero a um período e a um lugar, assumindo ser possível alcançar um ponto em que todas as variações significantes desapareceriam da poesia de Homero. Para Nagy, quanto mais antigo o ponto da tradição, mais fluido (NAGY, 2011, p. 312-314).

SHEAR, I. M. Tales of heroes: the origins of Homeric texts. 2000.

SIGURDSSON, G. Orality Harnessed: How to write Sagas from an Oral culture? In: MUNDAL, Else ; WELLENDORF, Jonas. Oral art forms and their passage into writing. Copenhagen : Museum Tusulanum Press, University of Copenhagen. 2008.

THOMAS, C. G. Homer's History, Mycenaean or Dark Age? New York: Holt, Rinehart and Winston. 1970.

WHITLEY, James. Social Diversity in Dark Age Greece. In: The Annual of the British School at Athens, Vol. 86 (1991), pp. 341-365.